

**Ana Clara Lima dos Santos**

Graduada. Instituto Federal Fluminense  
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8343244784446649>.  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4715-7633>.  
E-mail: [c.limalog2@gmail.com](mailto:c.limalog2@gmail.com)

**Thiago Soares de Oliveira**

Doutor. Instituto Federal Fluminense  
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9517999630235808>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3078-0058>.  
E-mail: [so.thiago@hotmail.com](mailto:so.thiago@hotmail.com)

**Resumo:** *Anglicismos são palavras originárias do empréstimo de vocábulos do inglês. São considerados externos à língua receptora até que se integrem, adaptando-se à realidade linguística da região. No português brasileiro (PB), alguns são empregados rotineiramente ainda que existam mecanismos lexicais capazes de suprir lacunas signícas ocupadas por esses vocábulos. Fundamentado nisso, propõe-se utilizar do soft power, de Joseph Nye Jr., para compreender a existência e continuidade desses termos no PB. Para tal, é necessário entender a relação entre língua e política, e como a primeira pode funcionar como expressão da segunda. Baseando-se nisso, realiza-se uma pesquisa bibliográfica e documental, para revisar a teoria, coletar e examinar amostras num corpus de cinco notícias retiradas da seção “Economia” do site da Folha de São Paulo. A análise das amostras demonstrou a presença de anglicismos em domínios tecnológicos e comerciais, além de lacunas inocupadas por signos correspondentes do PB.*

**Palavras-chave:** *Política Linguística. Anglicismos. Soft Power.*

**Abstract:** *Anglicisms are words originating from the loan of English vocabulary. They are considered foreign to the receiving language until they become integrated, adapting to the region’s linguistic reality. In Brazilian Portuguese (BP), some are used routinely even though there are lexical mechanisms capable of filling the semantic gaps they occupy. This established, we propose soft power, by Joseph Nye Jr., to understand the existence and continuity of these terms in BP. For that, it is necessary to recognize the relationship between language and politics and how the former can function as an expression of the latter. Based on this, a bibliographic and documentary research was performed to review theory, collect and examine samples detached from five news in the “Economy” section of the Folha de São Paulo website. The analysis of the samples demonstrated the presence of Anglicisms in technological and commercial domains, in addition to gaps unoccupied by corresponding signs in BP.*

**Keywords:** *Language Politics. Anglicisms. Soft Power.*

## Introdução

Em um mundo globalizado, o contato entre línguas dá-se de modo distinto. De acordo com Castilho (2014), o contato ocorre de duas maneiras: uma, direta, quando as línguas ocupam um mesmo território; outra, indireta, quando as palavras são exportadas por influência cultural sem necessariamente ocupar o mesmo espaço geográfico. Os vocábulos que se encaixam no segundo caso são denominados, de modo geral, estrangeirismos. Quando oriundos especificamente de países anglófonos, recebem o nome de anglicismos. Sua existência é capaz de demonstrar a força da influência de países anglófonos (principalmente os Estados Unidos) e do inglês no cenário mundial.

A questão principal reside na forma como os anglicismos influenciam o português brasileiro (PB), já que uma língua carrega consigo marcas da comunidade linguística em que se insere e, por isso, também seus interesses. Uma das táticas utilizadas pelas nações anglófonas, a promoção de seu estilo de vida a partir de elementos culturais (filmes, música, literatura, língua etc.), objetivava “vender” os ideais, a moral, o pensamento de determinado povo, sem necessária intervenção bélica. Joseph Nye Jr. (2005) já havia observado tal aspecto das novas relações de poder que emergiram com a Terceira Grande Revolução Industrial, cunhando essa relação assimétrica como *soft power*<sup>1</sup> ou “Poder Suave”, que se configura como a capacidade de uma nação influenciar outras (cultural e/ou ideologicamente) de modo indireto. Com isso, levanta-se o seguinte questionamento: como o conceito de *soft power*, estabelecido por Joseph Nye Jr., pode ajudar a compreender a existência de anglicismos no português brasileiro, ainda que o PB tenha, em alguns casos, mecanismos próprios de significação para os itens lexicais oriundos de tal língua estrangeira?

Parte-se da ideia de que os anglicismos se beneficiam da influência política “suave”, indiretamente estabelecida por países anglófonos sobre o Brasil e, por consequência, sobre o PB, sendo esse um dos principais motivos de sua ampla utilização. Desse modo, é necessário abordar alguns aspectos com o intuito geral de compreender como o conceito de *soft power* pode colaborar para a explicação da manutenção do uso de anglicismos, ainda que o português brasileiro disponha de recursos linguísticos capazes de substituir esses estrangeirismos. Para isso, constituem os objetivos específicos deste estudo: a) discutir, no âmbito da Política Linguística, a conexão existente entre o uso de anglicismos no PB e o “Poder Suave”, identificando possíveis relações de causa e efeito; b) analisar o uso desses termos a partir do gênero “notícia”, num *corpus* que exemplifique seu uso no PB linguístico. Por se tratar de uma proposta teórico-analítica, apoia-se a discussão tendo em consideração as obras de Joseph Nye Jr. (2005; 1990), Alves (2007; 2008), Rajagopalan (2005; 2013), dentre outros que também discorrem sobre a temática aqui estudada.

Justifica-se esta pesquisa mediante busca realizada em 28 de julho de 2024, às 19h59min, a partir de operadores booleanos, na plataforma SciELO.org, no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no buscador Google Acadêmico, nos quais não foram encontrados trabalhos que correspondem à combinação “Anglicismos” (OR “léxico anglófono”) AND “Soft Power” (OR “Poder Suave”) AND “Política Linguística” AND “Notícia”. Na atualidade, o português brasileiro convive com termos que são originariamente estrangeiros. Como sua utilização não é refreada, apesar de criticada por certos segmentos, como destacam Garcez e Zilles (2001) e Alves (2007, 2008), o que se vê é o uso cada vez mais comum de anglicismos. Por sua recorrência, é necessário entender sua importância no incremento do léxico brasileiro. Além do apontado, vale ressaltar também que entender a formação de anglicismos no PB é também compreender as relações de influência política estabelecidas sobre o Brasil pelos países anglófonos.

Por fim, esta pesquisa não pretende ser (nem é) fonte única sobre o assunto. Objetiva-se, com esta reflexão, trazer luz ao tópico apresentado e suscitar em outros pesquisadores o interesse em desenvolver trabalhos que enriqueçam o debate científico sobre a temática, buscando construir um conhecimento sólido sobre os conceitos aqui relacionados, tendo em vista que são divergentes os pensamentos a respeito do uso de anglicismos no PB.

<sup>1</sup> A partir da perspectiva apresentada por Castillo (2014), observa-se que o próprio uso da expressão *soft power* exemplifica a “força” dos anglicismos dentro do PB. Tal expressão, apesar de passível de tradução, é comumente referenciada em seu idioma original, a língua inglesa.

## Metodologia

### Da seleção do gênero textual notícia

Com intuito de abordar os anglicismos em uso no português brasileiro, selecionou-se a modalidade escrita da língua em razão de sua maior estabilidade (substância duradoura) se comparada à fala, como observado por Oliveira (2023), que aponta a maior possibilidade de mudança linguística diante do manejo da modalidade oral, especialmente em nível de linguagem coloquial. Diferentemente, a escrita, especialmente em nível formal, goza de menor permeabilidade em relação à mudança. A partir disso, anglicismos que chegam a constituir o vocabulário da modalidade escrita da língua já passaram, em princípio, pelos primeiros níveis de permeabilidade que estruturam o processo de mudança linguística (incremento lexical). Esta, em geral, inicia-se na fala, podendo atingir a modalidade mais conservadora da língua: a escrita (Oliveira, 2023).

Nesse sentido, escolheu-se trabalhar com um gênero escrito, a notícia, que pode ser definido, de acordo com Beltrão (2020, p. 26), como “a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem”. Diante do entendimento de Beltrão (2020), nota-se o desafio de se definir o gênero notícia devido à sua abrangência de ocorrência, dentre outros pontos; em planos gerais, no entanto, a notícia apresenta características, tais como: o imediatismo (diz respeito à momentaneidade e à atualidade dos fatos), a veracidade (alude à autenticidade do ocorrido), a universalidade (parte do princípio de que a notícia é capaz de figurar em qualquer contexto: humano, social, próprio da natureza, etc.), o interesse e a importância da notícia para o leitor (são atributos de essencialidade).

Alves Filho (2014) caracteriza também a notícia como um dos gêneros que mais circulam entre as pessoas, devido às variadas formas como podem ser publicadas: a partir da escrita (a exemplo de jornais e revistas), da oralidade (como o rádio e a televisão) ou de ambientes virtuais (nas mídias sociais e portais da *internet*). O autor ainda caracteriza o gênero segundo sua inevitabilidade, isto é, a capacidade da notícia de apossar-se da atenção do leitor, demonstrando as diversas nuances que circundam a conceituação desse gênero textual. Apesar de este estudo envolver a notícia, como forma de manifestação escrita de determinado conteúdo, não se objetiva abordar a temática aqui desenvolvida a partir da perspectiva do gênero textual, mas utilizá-la como fonte que reúne um *corpus* lexical a partir do qual é possível selecionar amostras para análise.

### Da abordagem e dos procedimentos

Adota-se a abordagem qualitativa do tema, com o propósito de entender a influência política emanada de países anglófonos no que tange à relação de contato linguístico entre o português brasileiro e o inglês, culminando na utilização de anglicismos em detrimento do emprego de termos do próprio arcabouço lexical do PB. Nesse sentido, a abordagem aqui proposta “trabalha com um universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, considerando o fenômeno humano “como parte da realidade social” (Minayo, 2009, p. 21).

Quanto aos procedimentos, adotam-se as pesquisas bibliográfica e documental. Com o primeiro procedimento, são apresentados e discutidos os conceitos que sustentam o embasamento teórico do estudo, a partir de obras de autores, tais como Castilho (2014), Alves (2007; 2008), Phillipson (1992), Rajagopalan (2005; 2013), Joseph Nye Jr. (2005; 1990) e Ballerini (2017). Os textos lidos foram fichados e resumidos para melhor organização e identificação dos principais pontos levantados pelos autores. Com o segundo, o jornal Folha de São Paulo é tomado como documento, e as publicações normativas servem de fonte para explorar as questões que envolvem os anglicismos e o *soft power*, assim como as discussões pertinentes a tais tópicos. Nesse caso, os documentos consultados são as notícias, submetidas à análise documental dada a necessidade de se extrair informações relevantes a respeito do uso de anglicismos no contexto do PB.

## Do passo a passo da seleção das amostras

Foram seguidos os seguintes passos:

- a) seleção do veículo informativo: Jornal Folha de São Paulo<sup>2</sup>, por se tratar de um dos principais jornais do país, com uma longa história no cenário midiático brasileiro. Além disso, ressalta-se também sua ampla cobertura das atualidades (nacionais e internacionais), a qual, no contexto deste estudo, torna-se imprescindível ao passo que se analisam amostras de anglicismos no âmbito do linguístico escrito;
- b) escolha da seção jornalística: trabalhou-se com 5 notícias retiradas da seção de Economia, com foco nas notícias internacionais, em razão do contexto propício ao uso de anglicismos e devido à maior incidência de assuntos relacionados à tecnologia, ao comércio e às relações internacionais. A quantidade de notícias selecionadas leva em consideração a extensão variável das publicações periódicas;
- c) opção de suporte: os textos serão consultados a partir do *site* oficial do jornal, dada a facilidade de acesso a partir do meio virtual;
- d) recorte temporal: foi delimitado o período de 20/10/2024 a 28/12/2024, por serem as edições mais recentes à época destinada à coleta das amostras;
- e) forma de coleta: registro de vocábulos anglófonos na seção de Economia do Jornal Folha de São Paulo, excluindo-se os itens lexicais aportuguesados, os anglicismos que ocorram em duplicidade, assim como antropônimos e topônimos.

## Da análise das amostras

Utilizou-se a análise qualitativa do conteúdo proposta por Uwe Flick (2013)<sup>3</sup>. Em resumo, dar-se-á a avaliação das notícias em cumprimento aos passos contidos no Quadro 1:

**Quadro 1.** Caminho de análise a partir da proposta de Flick (2013)

Caminho Metodológico	Direção de Análise
<p>a) Definição do material de análise: cinco notícias publicadas na seção Economia do Jornal Folha de São Paulo no período que compreende os meses de outubro, novembro e dezembro de 2024.</p> <p>b) Situação de coleta de dados: as notícias selecionadas estão disponíveis por meio da Folha <i>online</i>, mediante assinatura, e são avaliadas na condição de documentos, como estabelece Severino (2013).</p> <p>c) Caracterização do material de pesquisa: notícia, gênero pertencente ao campo do jornalismo informativo, abordando o “relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social” (Melo, 2020, p. 159). Estas foram selecionadas, tendo como critério o marco temporal de três meses e a presença de anglicismos em seu corpo.</p>	<p>d) Direção analítica a ser seguida a partir do texto selecionado: houve uma pré-seleção dos textos em que se constata a ocorrência de anglicismos. Em seguida, os vocábulos encontrados foram examinados e discutidos a partir de categorias (Domínio, Correspondente do PB e Possível causa da adoção), desprezando-se amostras repetidas ou aportuguesadas.</p> <p>e) Definição da teoria que embasa a análise: orientou-se a partir dos estudos realizados no campo da Política Linguística, especificamente o conceito de <i>soft power</i> (“Poder Suave”).</p>

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

<sup>2</sup> De acordo com o Manual da Folha de São Paulo (2021), a criação da Folha data de 19 de fevereiro de 1921, sob a liderança de Olival Costa e Pedro Cunha. Em mais de cem anos de circulação, o veículo já protagonizou e cobriu diversos eventos históricos do Brasil e do mundo. Em texto publicado pelo próprio jornal, em 2024, foi observado um aumento significativo de seu público, que, migrando do modelo impresso para o digital, cresceu dez vezes mais em trinta anos (passando de 2,2 milhões a 22,5 milhões). Entre os pagantes, houve um salto semelhante: de 530,3 mil aos atuais 834,9 mil. Tais dados foram auditados pela PwC (PricewaterhouseCoopers), empresa responsável por esse trâmite desde junho de 2024.

<sup>3</sup> Flick (2013) aborda este modelo com base na obra de Mayring (1983), intitulada *Inhaltsanalyse: Grundlagen und Techniken*.

Flick (2013) adota uma sequência (ou caminhos metodológicos) que direciona a análise, categorizando os anglicismos a partir de um método. Desse modo, as categorias de análise utilizadas condizem com os propósitos de procura, amostras e métodos para amostragem. No caso, baseando-se no *Comparison-focused sampling*, exemplificado por Meyer e Wolfgang, que discorre sobre comparar e observar o contraste entre os vocábulos encontrados com o objetivo de “aprender sobre fatores que exemplificam similaridades e diferenças” (Meyer; Wolfgang, 2022, p. 282).<sup>4</sup>

Ademais, destaca-se que, para Severino (2013), a definição de “documento” se dá de maneira abrangente, a depender do tipo de pesquisa realizada. Nas palavras do autor, a análise documental que tem como fonte não somente documentos impressos, mas outros (como jornais, fotos, documentos legais etc.). “Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise” (Severino, 2013, p. 107).

### Soft Power e Anglicismos no Português Brasileiro: algumas relações de causa e efeito

A dinâmica global de interação entre culturas vem se transformando ao passo que a influência de línguas estrangeiras cresce sobre as línguas nacionais. No PB, os anglicismos são observáveis no cotidiano linguístico, sendo hegemônicos em certas áreas, a exemplo do que aponta Alves (2008) em estudo desenvolvido com base no projeto TermNeo<sup>5</sup>. A autora constatou que, dos 24.598 casos lexicais observados dentro do *corpus* de análise do projeto, cerca de 17% deles correspondiam a estrangeirismos. E, dentre esses, 73% eram de origem inglesa, o que indica uma prevalência dos anglicismos em detrimento de itens lexicais advindos de outras origens.

Diversos são os fatores que podem exemplificar tal fenômeno (os anglicismos), dentre a relação de poder estabelecida entre o Brasil e os países anglófonos, em especial os Estados Unidos. Nesse cenário, os anglicismos emergem como uma ilustração do agir do *soft power*, ferramenta da influência dessas nações anglófonas sobre a língua brasileira. Para compreender essa relação, é preciso, antes, conceber o que são anglicismos e o conceito de *soft power* para, então, abordar os fatores que provavelmente justificam o uso desses termos no português brasileiro (PB), mesmo que este disponha de vocábulos e/ou expressões em grau de equivalência. Isso quer dizer que se devem analisar os anglicismos a partir de uma perspectiva que condiga com a realidade que os produz, levando em conta a influência da língua inglesa no PB, fato que se justifica, de acordo com Le Breton (2005, p. 25), pois

a geopolítica do inglês é, somando tudo, um reflexo do triunfo político, econômico, cultural dos povos de língua inglesa e um meio de aumentar a sua influência pela difusão da língua. O *front* geopolítico do inglês é simultaneamente externo — o poder dos Estados que aderem à sua filosofia com todas as suas consequências no plano do poder — e interno, com o inglês sendo considerado como meio mais seguro de ascensão social.

Em poucas palavras, os anglicismos são uma especificidade dentro de um processo mais geral de aquisição de léxico advindo de outros idiomas, os estrangeirismos, que se configuram como um grupo de palavras que se origina do empréstimo de vocábulos de línguas estrangeiras, sendo considerado externo à língua que os recebe até que a ela se integre, adaptando-se à realidade linguística do país ou da região (Alves, 2007). Dicionarizado, o termo denota, segundo o

4 “to learn about factors that explain similarities and differences” (Meyer; Wolfgang, 2022, p. 282)

5 TermNeo diz respeito ao Projeto Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo, antes Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo, no ano de sua criação (1988). O TermNeo objetiva coletar, analisar e difundir características gerais da neologia (geral, científica e técnica) do PB contemporâneo. Além de fomentar o estudo do neologismo, o projeto também tem por finalidade produzir glossários e dicionários sobre terminologia, assim como contribuir para o desenvolvimento da referida área.

Houaiss de Termos Linguísticos versão *online*, “palavras, frases ou expressões cuja língua de origem não é a Língua Portuguesa” (Estrangeirismo. Dicionário Houaiss de Termos Linguísticos)<sup>6</sup>. No caso específico de palavras que provêm do inglês, estas recebem o nome de anglicismos, os quais Alves (2007; 2008) destaca como vocábulos abundantes em terminologias técnicas, tais como esporte, economia e na publicidade, majoritariamente de origem inglesa. Os anglicismos também são observáveis no meio tecnológico, em que palavras, como *internet*, *notebook*, *story etc.*, que foram, ao que parece, facilmente assimiladas pelo PB.

Todavia, “ao procurar a definição de empréstimo e estrangeirismo em dicionários da língua portuguesa, é possível encontrar diferentes definições”, de acordo com Prado (2015, p. 36). Há, entre os autores, uma diversidade de pensamento a respeito da distinção entre esses conceitos. A posição adotada neste estudo condiz com os apontamentos de Castilho (2014), que considera os estrangeirismos também em sua espacialidade. Em outras palavras, os empréstimos se relacionam às palavras que provêm do contato direto ou geográfico entre línguas, a exemplo da relação linguística estabelecida entre povos cujas terras foram invadidas e colonizadas, contexto no qual a língua adquire características alheias à sua estrutura e ao léxico, formando novos vocábulos que, com o tempo, serão completamente assimilados (ou não). Já aos estrangeirismos, delega-se o contato indireto ou por influência cultural. Isso significa que o contato “ocorre quando um povo culturalmente influente exporta suas palavras mesmo sem invadir o território do povo afluente” (Castilho, 2014, p. 114).

A partir disso, consideram-se os anglicismos como estrangeirismos cuja origem relaciona-se à influência exercida indiretamente pela língua inglesa dentro dos contextos social e cultural brasileiros. Segundo Prado (2015), a diferença entre empréstimos e estrangeirismos ainda se mostra baseada em uma frágil ideia de naturalidade em relação à palavra estrangeira avaliada, de modo que, geralmente, os estrangeirismos se relacionam às palavras que ainda não estão plenamente incorporadas à língua que os recebe, causando estranhamento. Seu reconhecimento como vocábulo “estranho” é facilmente detectado, indicando sua recente adição ao idioma. Em relação aos anglicismos especificamente, Assis-Peterson (2008, p. 334) os classifica ainda como “signos mestiços”, pois exibem “processos lexicais e sintáticos que transitam entre português e inglês”.

Por originarem-se da interação entre o PB e o inglês, podem ser considerados, segundo Crystal (2003, p. 22, tradução nossa), frutos da mundialização do inglês, ao passo que “a emergência de uma língua global pode influenciar a estrutura de outras línguas – especialmente ao prover uma fonte fresca de palavras emprestadas para uso destas outras línguas”<sup>7</sup>, podendo gerar bom recebimento ou oposição por algumas partes. Lacoste (2005) observa que a mundialização do inglês está ainda indiretamente atribuída a uma série de fenômenos culturais mais ou menos relacionados entre si. Com isso, o inglês é responsável por “manter na moda tudo o que é americano” (Lacoste, 2013, p. 11), o que ocasiona consequências de matriz geopolítica e a criação de rivalidades de poder e de influência sobre outros países e em nível mundial.

A partir disso, entende-se que há uma relação não somente interacional ou comunicativa, mas também política no entorno da difusão do inglês e em como seu léxico é aglutinado a outros códigos. É nesse cenário que se busca o conceito de *soft power*, com o intuito de entender como as vontades de corpos políticos podem influenciar na difusão de uma língua, na incorporação de termos e manutenção deles noutra idioma. Para tanto, é necessário compreender a ideia por trás do conceito supracitado, o *soft power* (no português, “Poder Suave”), pertencente, inicialmente, à área das Relações Internacionais e cunhado pelo autor Joseph Nye Jr. a partir de observações sobre a política americana.

As primeiras aparições do termo estão em *Bound to lead: the changing nature of American power* (1990), voltando a ser abordado de forma mais aprofundada em *Soft power: the means of success in world politics* (2005). Em poucas palavras, trata-se de uma habilidade de moldar as preferências de outros, atraindo-os a ponto de fazê-los adotar valores e concepções que,

6 ESTRANGEIRISMO. In: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/estrangeirismo/> Acesso em: 13 out. 2024

7 “the emergence of a global language can influence the structure of other languages – especially by providing a fresh source of loan-words for use by these other languages” (Crystal, 2003, p. 22).

inicialmente, não estruturam uma determinada comunidade. Trata-se, pois, de um poder revestido de característica persuasiva em relação a seus alvos (indivíduos, sociedades, etc.), de acordo com Nye Jr. (2005). Esse pensamento é complementado por Ballerini (2017), segundo o qual o poder suave sempre existiu, porém intensificou-se a partir da bipolaridade ideológica observada durante a Guerra Fria, sendo o nascimento do conceito tanto uma marca também do fim desse período quanto do começo da hegemonia americana. O também chamado poder de persuasão, na verdade, não reside apenas na influência, pois esse também pode ser obtido a partir de sua contraparte, o *Hard Power*. Em termos de distinção, Nye Jr. (2005, p. 11, tradução nossa) exemplifica o uso de ambos, desta forma:

Uma maneira de pensar sobre a diferença entre hard power e soft power é considerar a variedade de formas que você pode usar para alcançar os resultados desejados. Você pode me ordenar a mudar minhas preferências e fazer o que você quiser me ameaçando com força ou sanções econômicas. Você pode me induzir a fazer o que você quer usando seu poder econômico para me pagar. Você pode restringir minhas preferências definindo a agenda de tal forma que meus desejos mais extravagantes pareçam irrealistas demais para serem perseguidos. Ou você pode apelar para um senso de atração, amor ou dever em nosso relacionamento e invocar nossos valores compartilhados sobre a justiça de contribuir para esses valores e propósitos comuns. Se eu for persuadido a concordar com seus propósitos sem que haja qualquer ameaça explícita ou troca em jogo - em suma, se meu comportamento for determinado por uma atração observável, mas intangível - o poder brando está em ação. O poder brando utiliza um tipo diferente de moeda (não força, não dinheiro) para promover a cooperação - uma atração por valores compartilhados e pela justiça e dever de contribuir para a realização desses valores.<sup>8</sup>

Em resumo, *soft power* é a capacidade de alcançar objetivos por meio da atração, e não da coerção ou via pagamentos. Ele surge da atratividade cultural, política e identitária que uma nação pode desempenhar, não havendo mais necessidade de aplicar políticas de incentivo ou promulgar sanções para mover os corpos políticos na direção pretendida. “Em outras palavras, a forma de exercer o poder no mundo mudou. [...] – ser mais temido que amado – tornou-se ineficaz. Hoje, em política, é importante ser temido e amado. Mas, para uma nação, é muito mais eficiente ser apenas amada” (Ballerini, 2017, p. 17). E esse conceito pode ser exercido primordialmente a partir de três fontes: a cultura do país, os valores políticos ou a política externa, como observa Nye Jr. (2005). Esses elementos têm estreita relação com a língua manejada no país que detém o *soft power*.

Dessa forma, voltando aos anglicismos, Castilho (2014) define que as palavras francesas, espanholas e norte-americanas que se incorporam à língua portuguesa são aquelas que podem ser grafadas como estrangeirismos. Tomando tal posicionamento, entende-se que os anglicismos advêm de um contato indireto entre PB e o inglês, ambas as línguas organizadas em uma relação verticalizada na qual o PB é influenciado pela língua de “maior prestígio”. Isso quer dizer que

<sup>8</sup> “One way to think about the difference between hard and soft power is to consider the variety of ways you can obtain the outcomes you want. You can command me to change my preferences and do what you want by threatening me with force or economic sanctions. You can induce me to do what you want by using your economic power to pay me. You can restrict my preferences by setting the agenda in such a way that my more extravagant wishes seem too unrealistic to pursue. Or you can appeal to a sense of attraction, love, or duty in our relationship and appeal to our shared values about the justness of contributing to those shared values and purposes. If I am persuaded to go along with your purposes without any explicit threat or exchange taking place—in short, if my behavior is determined by an observable but intangible attraction— soft power is at work. Soft power uses a different type of currency (not force, not money) to engender cooperation—an attraction to shared values and the justness and duty of contributing to the achievement of those values. Much as Adam Smith observed that people are led by an invisible hand when making decisions in a free market, our decisions in the marketplace for ideas are often shaped by soft power—an intangible attraction that persuades us to go along with others’ purposes without any explicit threat or exchange taking place.” (Nye Jr. 2005, p. 11).

determinadas comunidades se apresentam hierarquicamente, em comparação a outras, como detentoras de maior *soft power* e, por conseguinte, suas línguas carregam maior poder de influência cultural, política etc. O desenvolvimento desse tipo de relação entre as línguas inglesa e portuguesa está relacionado à constituição de um código, sendo este, segundo Crystal (2003, p. 7, tradução nossa), indissociável de fatores externos, de modo que

existe a mais estreita das ligações entre o domínio da língua e o poder econômico, tecnológico e cultural. [...] A língua não tem existência independente, vivendo numa espécie de espaço místico à parte das pessoas que a falam. A língua existe apenas no cérebro, na boca, nos ouvidos, nas mãos e nos olhos dos seus utilizadores. Quando têm êxito, na cena internacional, a sua língua tem êxito. Quando falham, a sua língua falha.<sup>9</sup>

O domínio linguístico internacional de um idioma não está ligado, portanto, ao número de falantes, à estrutura, à literatura ou ao tamanho do vocabulário; o *status* de dominância está intrinsecamente relacionado ao poder de seu povo, especialmente a seus poderes político e militar (Crystal, 2003). A língua não é um objeto castiço, ela se correlaciona à comunidade que a utiliza. Desse modo, quanto mais influente é a comunidade linguística, tanto maior é sua capacidade de propagar a língua. Exemplo disso é que, nos últimos anos, o inglês assumiu papel dominante em escala global. Isso se deu a partir do forte investimento que potências, como o Reino Unido e os Estados Unidos, fizeram na propagação de seu idioma no contexto pós-Segunda Guerra Mundial, início da Guerra Fria até a contemporaneidade (Phillipson, 1992). Nesse período de alçamento do inglês à língua franca, observou-se a passagem da anglocentricidade da variante britânica para a americana, o que faz referência à cultura imperialista americana como uma ameaça aos mercados e esferas de interesse tradicionais britânicos (Phillipson, 1992).

A partir de uma perspectiva que leva em conta a Política Linguística, área que, apesar do nome não se relaciona aos estudos que se desenvolveram com a publicação do *Curso de Linguística Geral* (1916), de Ferdinand de Saussure, mas sim como um adjetivo que relaciona a política à língua. Observa-se, no inglês, uma relação dual de rejeição ou aceitação por parte da população ao se posicionar a respeito da “invasão” dessa língua no PB e em outros idiomas (Rajagopalan, 2005; 2013). Nas lacunas, “moram os perigos” da língua inglesa, complementa Rajagopalan (2005), reconhecendo que, no mundo de hoje, a formulação de políticas linguísticas é difícil, havendo a necessidade de usar o bom senso.

O inglês avança, à medida que se incentiva a sua aprendizagem, orientada de forma não coerciva ou impositiva, mas gradualmente, de maneira que os alvos pensem ser essencial compreender sua estrutura. Um exemplo disso é o que aponta Phillipson (1992), ao afirmar que uma das políticas aplicadas pelo Reino Unido foi a do estímulo à formação de professores de inglês para trabalharem em outros países em nome de um melhor “entendimento” da Britânia, talvez, como forma de recuperação parcial do *soft power* perdido após a Segunda Grande Guerra. Lógica semelhante se aplica às táticas americanas. “Não foi por meio das armas nem das sanções comerciais que os Estados Unidos seduziram parte do mundo com seu *American way of life*” (Ballerini, 2017, p. 17, grifo do autor), mas sim por meio da diplomacia, da cultura, dos intercâmbios etc. Assis-Peterson (2008, p. 237, grifo da autora) observa que,

hoje, o inglês, transformado, pelos processos de globalização, na língua de difusão planetária, dos negócios internacionais, da ciência, da tecnologia, da comunicação, da indústria do entretenimento, reconhecido por muitos pesquisadores internacionais e nacionais, é visto como a versão linguística do imperialismo *made in USA*.

A posição da autora justifica-se, uma vez que devido à importância da língua inglesa, ela é

<sup>9</sup> “there is the closest of links between language dominance and economic, technological, and cultural power, too. [...] Language has no independent existence, living in some sort of mystical space apart from the people who speak it. Language exists only in the brains and mouths and ears and hands and eyes of its users. When they succeed, on the international stage, their language succeeds. When they fail, their language fails.” (Crystal, 2003, p. 7).

alçada a um papel de primazia em comparação às outras, e a sua compreensão passa a ser essencial, ainda que de forma imperceptível, devido à construção de uma ideia de normalidade sobre o uso de vocábulos que dela se originam ou advêm. É importante salientar que a permanência de tais vocábulos no PB é e já foi muito questionada por segmentos da sociedade brasileira, como bem apontam Garcez e Zilles (2001), ainda que isso não tenha impedido nem o uso nem a incorporação de novos termos ao longo dos anos.

### Análise qualitativa e discussão das amostras anglófonas

Os 27 anglicismos encontrados nas cinco notícias analisadas foram compilados em dois grupos distintos, objetivando facilitar a discussão, sendo estes: os que ocorrem entre aspas e os que não aparecem acompanhados do diacrítico, de acordo com os preceitos mencionados no tópico “Metodologia” deste trabalho e com base no *Manual de Redação da Folha de São Paulo*. Vale ressaltar a exclusão de itens lexicais quando pertinentes à pesquisa, nos termos: a) que aparecem duplicados, objetivando a não inflação numérica de vocábulos; b) aqueles que já foram aportuguesados, por já considerá-los integrantes da língua (arcabouço lexical sistematizado); e c) antropônimos e/ou topônimos, normalmente não traduzidos devido a questões de identificação e de convenção cultural. Dispõem-se em sequência imediata os Quadros 2 e 3, uma vez que ambos compartilham características relevantes para o direcionamento da investigação proposta.

**Quadro 2.** Anglicismos não grafados com aspas.

Ocorrência(s)	Categorias de Análise		
	Domínio	Correspondente no PB	Possível causa de adoção
Apple, App Store, Apple Pay, Boeing, Blackwell, Brent e Bloomberg.	Marca	Não existem; Grafia original.	Globalização do mercado; Avanço tecnológico.
Ether, Dogecoin, Bitcoin e Tokens.	Eletrônico; Cambial	Não existem; Grafia original.	
Bureau of Labor Statistics, Pepperstone Group e Financial Times.	Marca	Não existem; Grafia original.	Globalização do mercado.
IPhone, IPad, Mac, Siri, Chat GPT.	Marca	Não existem; Grafia original.	Avanço tecnológico.
Hardware, software, smartphone, chips e data centers.	Tecnologia	Não existem; Grafia original.	

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2025.

**Quadro 3.** Anglicismos grafados com aspas.

Ocorrência(s)	Categorias de Análise		
	Domínio	Correspondente no PB	Causa Principal da Adoção
Apple Intelligence	Marca	Não existe; Grafia original.	Globalização do Mercado; Avanço Tecnológico.
Core	Tecnologia	Núcleo	Opção do autor: expressão adjetivada importada do inglês.
Hawkish	Negócios	Agressivo ou duro	

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2025.

Em primeira instância, como a permeabilidade da escrita se expressa de forma distinta à fala, sendo a primeira modalidade menos permeável que a segunda (Oliveira, 2023), a ocorrência de tais vocábulos no PB escrito não necessariamente indica uma incorporação nesse meio, mas uma possibilidade de uso. No caso das ocorrências, isso se verifica a partir da natureza morfológica dos vocábulos (substantivos e adjetivos, ambos de classe aberta<sup>10</sup>), como se pode notar no Quadro 4.

**Quadro 4 – Classificação morfológica**

Substantivos	Próprios	Apple, App Store, Apple Pay, Boeing, Blackwell, Brent e Bloomberg. Ether, Dogecoin, Bitcoin, Tokens, Bureau of Labor Statistics, Pepperstone Group, Financial Times, iPhone, iPad, Mac, Siri, Chat GPT e Apple Intelligence.
	Comuns	Hardware, software, smartphone, chips e data centers.
Adjetivos		Core e Hawkish.

**Fonte:** Os autores, 2025.

O Quadro 4 demonstra que os substantivos são maioria em meio às amostras, mas diferenciam-se segundo a subclassificação, própria e comum, cuja distinção recai no aspecto representativo tendo como parâmetro que “um substantivo comum tanto denota quanto conota seu referente, ao passo que apenas os substantivos próprios detêm a propriedade exclusiva de denotar” (Castilho, 2014, p. 468). Em outras palavras, enquanto os comuns podem representar também associativamente um objeto, os próprios só os expressam de modo “literal”. Com efeito, há, entre as amostras, prevalência de substantivos próprios sobre os demais, com referência a entidades específicas, como as empresas *Apple*, *Boeing*, *Blackwell*, *Brent*, *Bloomberg*, *Bureau of Labor Statistics*, *Pepperstone Group*, *Financial Times*, entre outras. Em contrapartida, os substantivos comuns, representados pelos termos *hardware*, *software*, *smartphone*, *chips* e *data centers* (categorizados em “Tecnologia”), têm como característica a generalidade, apontada por Castilho (2014).

Observando os vocábulos, destaca-se o caso de *Apple*, pois sua origem está ligada a uma apropriação lexical que leva à extensão do sentido da palavra “maçã” (fenômeno idêntico observado em *Ether* e *Tokens*). No caso, há a passagem, em inglês, de um substantivo comum para um próprio. Em português, o vocábulo *Apple* é apropriado com apenas um valor, o da marca, ainda que, quando importado o item lexical, o contexto de referência influa na interpretação semântica que este terá dentro da língua que o incorpora. Assim, *Apple* não substitui sua correspondente “natural”, maçã, mas insere-se em um novo campo, no qual não há correspondência no português. Aliás, a partir de *Apple*, geraram-se novos substantivos, a exemplo de *Apple Pay* e *Apple Intelligence*, o que, de modo semelhante, ocorre nas amostras *Blackwell*, *App Store*, *iPhone*, *iPad*, *Mac*, *Dogecoin* e *Bitcoin*. Em relação aos demais substantivos próprios, a) parte provém do nome dos fundadores das empresas ou localidade (*Boeing*, *Pepperstone Group*, *Bloomberg* e *Brent*), b) parte aponta para um meio de atuação ou referência a ele (*Bureau of Labor Statistics* e *Financial Times*), c) parte é composta por abreviações (*Siri* e *Chat GPT*).

Dentre os adjetivos, grafados com aspas<sup>11</sup>, *Core* (núcleo, de modo literal) tem seu sentido estendido por estar alocado em um contexto empresarial. Neste meio, o termo refere-se à principal atividade que uma companhia exerce. No trecho, uma medida *core* seria aquela com foco no negócio basilar, incluindo outras variáveis. É um caso de alargamento do sentido. Já *Hawkish*, tem sua origem na palavra *Hawk* (do inglês “para falcão”), que passa por um processo de derivação, somando-se ao sufixo derivacional *-ish*, que é responsável, no caso, por adjetivar (Plag, 2018). *Hawkish*, então, pode ser entendida por “agir como um falcão”; no contexto econômico, especifica a ação de um banco central para controle da inflação, mesmo que, para isso, desacelere-se o crescimento econômico de sua nação.

<sup>10</sup> Mais propensas à inclusão de novos itens lexicais.

<sup>11</sup> Trechos: a) “Em setembro, o índice de preços de despesas de consumo pessoal caiu para 2,1%, embora uma medida ‘core’ que exclui itens voláteis de alimentos e energia [...]” (Fed..., 2024) e b) “A adoção da postura ‘hawkish’ (combativa à inflação) do Fed (Federal Reserve, o BC dos EUA) na quarta-feira (18) pesou sobre a maioria dos ativos de risco” (Queda..., 2024).

A rigor, o aspecto morfológico não é capaz de sozinho, explicar nem o aparecimento de anglicismos no PB nem as nuances que justificam as escolhas vocabulares de toda uma comunidade linguística ao optar pelo uso ou manutenção de determinado vocábulo em detrimento de outro. Nesse sentido, Alves (2008) destaca que alguns estrangeirismos não apresentam forma alguma de integração a não ser a fonológica, enquanto outros são aportuguesados. A autora opina no sentido de que a não integração é muitas vezes justificada pela estrutura vocabular da palavra incorporada, o que não exclui “fatores como o prestígio da língua estrangeira ou o estranhamento que um estrangeirismo pode causar” (Alves, 2008, p. 13).

Quando se discutem as possibilidades que dirigem a adoção dos anglicismos, não se podem excluir fatores externos à língua e as dinâmicas de poder que a permeiam, o que se aplica aos vocábulos coletados para análise. Sobre isso, Rojo (2013, p. 77) destaca que, como um país do Sul Global, o Brasil é suscetível a uma maior “dependência e despromoção em relação ao capital internacional, o que nos coloca em posição deslocada face ao centro e subalterna, gerando, intensificando e mantendo uma série de privações sofridas”. Almeida (2011), por seu turno, explica que é natural que, na importação de tecnologias de outros países, transfira-se também a expressão que o denomina, fato que justifica, em parte, a incidência de termos de língua inglesa no PB, já que o Brasil é um país essencialmente exportador de matéria-prima e importador de tecnologias.

Desse modo, “o português do Brasil é mais afeito à entrada de termos estrangeiros, fundamentalmente os anglicismos, pois é inegável o prestígio que os Estados Unidos da América adquiriram em todo o mundo” (Almeida, 2011, p. 4), afirmação que encontra respaldo principalmente em vocábulos, tais como *hardware*, *software*, *smartphone*, *chips* e *data centers*, cuja chegada ao PB é precedida da importação de novas tecnologias, na medida em que “a informática, é hoje uma das principais responsáveis pela transferência de uma grande quantidade de anglicismos ao Português Brasileiro (PB)” (Scarranaro, 2012, p. 569). Isso se coaduna com os apontamentos de Crystal (2003) e Phillipson (1992, 2015), os quais postulam que a força de uma língua está muitas vezes ligada ao prestígio desta, o que se relaciona, em certa instância, ao poder exercido pelo corpo político que a utiliza.

Em acréscimo, Le Breton (2005, p. 18) afirma que “o que favoreceu o inglês foi o extraordinário sucesso dos povos de língua inglesa no plano da economia e das relações de poder”, que é, segundo Nye Jr. (2005), menos tangível e coercitivo nos dias atuais, transformado pela revolução informativa tecnológica e pela globalização econômica, sendo ambas características basilares do *American Power*. Ainda de acordo com Nye (2005, p. 50), “o inglês, a língua franca do comércio moderno, foi originalmente espalhado pela Britânia, não os Estados Unidos”<sup>12</sup>, o que prova que “os contornos da globalização não são exclusivamente americanos, embora, naturalmente, seus efeitos atuais reflitam o que acontece na maior economia do mundo”<sup>13</sup>.

Como observa Scarranaro (2012), de fato, o inglês alcança o *status* de Língua Franca acompanhando o período em que o poder econômico dos EUA aumentava em escala mundial. O *soft power* americano, na figura de sua cultura, espalhou-se, estreitando-se através dos negócios, de tal forma que a língua inglesa se tornou cada vez menos estranha aos olhos e ouvidos de não nativos. Ter se tornado, como já citado por Nye Jr. (2005), a língua do comércio moderno, proporcionou ao inglês a característica universalista necessária para que passasse a ser utilizada como a conexão de empresas e nações ao mercado global. Por esse motivo, opta-se, a exemplo dos vocábulos categorizados entre as “Marcas”, por nomear novas tecnologias e entidades com nomes vinculados a raízes anglófonas, como no caso de *Apple* e *Chat GPT*. O mesmo ocorre na escolha do nome de novas moedas, a exemplo do *Bitcoin*, cuja construção vocabular baseia-se na junção das palavras *bit* (pedaço) e *coin* (moeda), ambas do inglês.

Essa visão prestigiosa do inglês, impulsionada pela economia americana, conecta-se ao fato de que os anglicismos coletados não parecem ter correspondência dentro do PB. “Sabemos que o estrangeirismo revigora e enriquece a língua suprimindo assim as necessidades que surgem devido à globalização” (Scarranaro, 2012, p. 570). A dinâmica global mudou e, com ela, a rapidez com que

12 “English, the lingua franca of modern commerce, was originally spread by Britain, not the United States.” (Nye Jr., 2005, p. 50).

13 “Globalization’s contours are not solely American, though quite naturally its current effects reflect what happens in the world’s largest economy.” (Nye, 2005, p. 50).

tais termos aparecem. Portanto, a adoção de anglicismos no PB não se explica apenas por questões linguísticas internas, mas também por fatores socioeconômicos, culturais e políticos globais. O prestígio do inglês, impulsionado pelo *soft power* americano, sobretudo, reforça a sua posição de Língua Franca e ampara a incorporação de anglicismos. Para mais, ao passo que se continuam importando novas tecnologias, dificilmente estar-se-á livre do aparecimento e da manutenção desses termos. Desse modo, os anglicismos refletem tanto a força das relações de poder quanto a influência cultural.

## Considerações Finais

O trabalho dedicou-se a responder ao seguinte questionamento: como o conceito de *soft power*, estabelecido por Joseph Nye Jr., pode ajudar a compreender a existência de anglicismos no português brasileiro, ainda que o PB tenha, em alguns casos, mecanismos próprios de significação para os itens lexicais oriundos de tal língua estrangeira? Para tanto, foram traçados dois objetivos, no sentido de discutir, no âmbito da Política Linguística, a conexão existente entre o uso de anglicismos no PB e o “Poder Suave” e de analisar o uso desses termos coletados a partir do gênero “notícia”.

Por meio da bibliografia levantada, refletiu-se sobre o emprego de anglicismos enraizados em noções que permeiam a política, da qual se obteve a compreensão de que: a) as línguas suscetíveis a transformações por empréstimos de outras, a depender do maior ou menor grau de prestígio entre elas; b) a força de um idioma não é medida a partir do número de falantes, mas do poder exercido pelo povo (cultural, econômico ou/e militar); c) o alçamento do inglês a língua franca e dos negócios foi parte de um projeto político-econômico e cultural de países anglófonos; d) e a influência indireta é mais eficaz e menos danosa às relações entre corpos políticos que a coerção e, desse modo, os anglicismos utilizam-se de mecanismos simbólicos que moldam os desejos, as práticas e todo o imaginário coletivo para inserir-se no PB.

Analisando-se as amostras coletadas, notou-se que, para além da recorrência desses termos mestiços, nas palavras de Assis-Peterson (2008), há também a falta de correspondência entre os anglicismos e o léxico do PB, principalmente no que tange à área de tecnologia, comercial, cambial etc. Isso demonstra que a presença de tais estrangeirismos no PB resulta de um fenômeno amplo, que tem como uma das possíveis explicações as dinâmicas de poder, sobretudo o *soft power* exercido por nações anglófonas. Os vocábulos analisados indicam, preliminarmente, que os anglicismos não apenas podem vir a consolidar-se no PB, mas também se entrelaçam às camadas mais profundas da língua receptora, de modo que entender a presença dos anglicismos no PB e o porquê de sua permanência exigem uma abordagem crítica e contextualizada, que leve em conta que a língua, como discutido, não é um objeto castiço, mas suscetível a contextos políticos globais.

Dessa forma, uma vez aplicado o conceito de *poder suave*, percebeu-se que a necessidade de se interferir diretamente nos contextos (políticos) pretendidos se esvai, logo as características persuasivas influem naturalmente no caminho que os corpos seduzidos vão seguir em relação ao uso lexical. É nesse ponto que os anglicismos, mesmo diante da existência de termos equivalentes no PB, perduram dentro do cotidiano linguístico brasileiro. Trata-se, dentre outros pontos, do espelhamento da influência de sociedades anglófonas, em particular os EUA, sobre o Brasil.

## Referências

ALMEIDA, Gladis. Os Anglicismos e as Linguagens de Especialidade no Português do Brasil. **Debate Terminológico**, [S. L.], n. 2, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/riterm/article/view/21555> Acesso em: 24 mar. 2024.

ALVES, Ieda Maria. Integração de Estrangeirismos na Língua Portuguesa. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1., 2008, São Paulo, **Anais...** São Paulo, SP: FFLCH/USP, 2008. Disponível em: [https://biblio.fflch.usp.br/Alves\\_IM\\_125\\_1723514\\_IntegracaoDeEstrangeirismosALinguaPortuguesa.pdf](https://biblio.fflch.usp.br/Alves_IM_125_1723514_IntegracaoDeEstrangeirismosALinguaPortuguesa.pdf) Acesso em: 10 set. 2024.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. 3. ed. São Paulo, SP: Ática, 2007.

ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo, SP: Cortez, 2014.

ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. Como ser feliz no meio de anglicismos: processos transglóficos e transculturais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 47, n. 2, p. 323-340, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/4kKQHJV7vz6P8Bp89XR6XPL/abstract/?lang=pt> Acesso em: 10 set. 2024.

BALLERINI, Frantiesco. **Poder Suave (Soft Power)**: arte africana; arte milenar chinesa; arte renascentista; balé russo; Bollywood; Bossa-Nova; British invasion; carnaval; cultura mag japonesa; Hollywood; moda francesa; tango; telenovelas. São Paulo, SP: Summus, 2017. E-book.

BELTRÃO, Luiz. A informação no Jornalismo. MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros Jornalísticos**: estudos fundamentais. Rio de Janeiro, RJ: PUC-Rio; São Paulo, SP: Edições Loyola, 2020. p. 25-39.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2014.

CIRCULAÇÃO DA FOLHA PASSA A SER VERIFICADA PELA PwC. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, SP, 6 jun. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2024/06/circulacao-da-folha-passa-a-ser-verificada-pela-pwc.shtml> Acesso em: 24 fev. 2025.

CRYSTAL, David. **English as a Global Language**. 2 ed. Cambridge, UK: Cambridge University Press; Nova York, EUA: Cambridge University Press, 2003. E-book. Disponível em: [https://culturaldiplomacy.org/academy/pdf/research/books/nation\\_branding/English\\_As\\_A\\_Global\\_Language\\_-\\_David\\_Crystal.pdf](https://culturaldiplomacy.org/academy/pdf/research/books/nation_branding/English_As_A_Global_Language_-_David_Crystal.pdf) Acesso em: 10 set. 2024.

DÓLAR FECHA EM ALTA E BOLSA CAI, COM TENSÕES NA UCRÂNIA E EXPECTATIVA POR PACOTE FISCAL. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, SP, 21 nov. 2024a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2024/11/dolar-abre-em-leve-alta-nesta-quinta-seguindo-tendencia-pelo-mundo.shtml> Acesso em: 11 out. 2024.

FED DEVE CORTAR JUROS APESAR DE INCERTEZAS COM ELEIÇÃO NOS EUA. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, SP, 3 nov. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2024/11/fed-deve-cortar-juros-apesar-de-incertezas-com-eleicao-nos-eua.shtml> Acesso em: 11 out. 2024.

FOLHA DE S. PAULO - **Manual de Redação da Folha de São Paulo**. 22 ed. São Paulo, SP: Publifolha Editora, 2021. E-book.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre, RS: Penso, 2013. E-book.

GARCES, Pedro M.; ZILLES, Ana S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. *In*: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos**: Guerras em Torno da Língua. 2. ed. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2001. E-book.

LACOSTE, Yves. Por uma abordagem geopolítica do inglês. *In*: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). **A Geopolítica do Inglês**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2005. p. 7-11.

LE BRETON, Jean-Marie. Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. *In*: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). **A Geopolítica do Inglês**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2005. p. 12-26.

MEYER, Michael; MAYRHOFER, Wolfgang. Selecting a Sample. *In*: FLICK, Uwe. **The Sage Handbook of Qualitative Research Design**. Londres: SAGE, 2022. p. 271-289.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 9-29.

NVIDIA QUASE DOBRA RECEITAS COM VENDAS, MAS ESPERA DESACELERAÇÃO NO ÚLTIMO TRIMESTRE. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, SP, 21 nov. 2024b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2024/11/nvidia-quase-dobra-receita-com-vendas-mas-espera-desaceleracao-no-ultimo-trimestre.shtml> Acesso em: 11 out. 2024.

NYE Jr., Joseph. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Nova York, EUA: Public Affairs, 2005. E-book.

NYE Jr., Joseph. **Bound to lead: the changing nature of American power**. Nova York, EUA: Basic Books, 1990. E-book.

OBSERVATÓRIO DE NEOLOGISMOS DE PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO. **Histórico do Projeto**. São Paulo, SP, 2024. Disponível em: <https://termneo.fflch.usp.br/historico-do-projeto> Acesso em: 11 out. 2024.

OLIVEIRA, Thiago Soares de. Apossínclise: do uso à exaustão diacrônica. **Filologia Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 107-119, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/211486> Acesso em: 10 set. 2024.

PHILLIPSON, Robert. **Linguistic Imperialism**. Oxford, RU: Oxford University Press, 1992.

PHILLIPSON, Robert. **Linguistic Imperialism Continued**. Nova York, EUA: Routledge, Taylor and Francis Group, 2015. E-book.

PLAG, Ingo. **Word-Formation in English**. 2. ed. Nova York, EUA: Cambridge University Press, 2018. E-book.

PRADO, Natálie Cristine. **O uso do inglês em contexto comercial no Brasil e em Portugal: questões linguísticas e culturais**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. E-book. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/rxwst/pdf/prado-9788579836541.pdf> Acesso em: 24 fev. 2024.

QUEDA DO BITCOIN SE APROFUNDA COM SAÍDA RECORDE DE ETFS NOS EUA. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, SP, 20 dez. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2024/12/queda-do-bitcoin-se-aprofunda-com-saida-recorde-de-etfs-nos-eua.shtml> Acesso em: 11 out. 2024.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: Por uma política prudente e propositiva. *In*: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). **A Geopolítica do Inglês**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2005. p. 135-159.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política Linguística: do que se trata, afinal? *In*: NICOLAIDES, Christine; DA SILVA, Kleber Aparecido; TÍLIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (Org.). **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas, SP: Pontes, 2013. p. 19-42.

RECEITA DA APPLE SUPERA EXPECTATIVAS DO MERCADO COM AUMENTO NAS VENDAS DE IPHONE. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, SP, 31 out. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2024/10/receita-da-apple-supera-expectativas-do-mercado-com-aumento-nas-vendas-de-iphones.shtml> Acesso em: 11 out. 2024.

ROJO, Roxane. Caminhos para a LA: Política Linguística, Política e Globalização. *In*: NICOLAIDES, Christine; DA SILVA, Kleber Aparecido; TÍLIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (Org.). **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas, SP: Pontes, 2013. p. 63-92.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2013.

SCARRANARO, Vanessa. Os anglicismos na vida dos Brasileiros: Crenças de Profissionais da Mídia. **Rev. Eventos Pedagógicos**, v. 3, n. 1, p. 567-577, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/9181> Acesso em: 24 mar. 2025.

Recebido em 26 de agosto de 2025  
Aceito em 25 de fevereiro de 2026